



O espaço urbano: implicações para a subjetividade contemporânea

Urban space: implications for contemporary subjectivity

Paulo Roberto de Carvalho

Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade de Londrina (UEL), Londrina, PR – Brasil, e-mail: paulor@uel.br

Recebido: 18/07/2012
Received: 07/18/2012

Aprovado: 11/09/2012
Approved: 09/11/2012

Resumo

A configuração atual das sociedades oferece às metrópoles um lugar de destaque na invenção de novos modos de vida, nos quais estão incluídas formas emergentes de configuração das subjetividades. De forma geral, a cidade opera em seus moradores uma perda de referências tradicionais, contribuindo assim para a emergência de um humano orientado quase exclusivamente pelos valores dominantes na atualidade, que têm no capital seu elemento distintivo. Se, por um lado, essa é a dinâmica dominante, por outro, a desterritorialização produzida na subjetividade coletiva tem a potencialidade de fazer emergirem novas configurações do humano, distanciadas dos valores instituídos ancorados na posse do dinheiro. Assim, o ambiente urbano oferece a possibilidade de inserção nos modos de subjetivação vinculados à ordem social e a construção de uma existência singularizada, desviante dos padrões vigentes e portadora de mutações irreversíveis que se difundem pela sociedade.

Palavras-chave: Psicologia. Relações interpessoais. Trabalho.

Abstract

The current configuration of the societies offers to the metropolitan areas a prominent place in the invention of new ways of life, in which are included emerging forms of configuration of subjectivities. In general, the city operates in its residents a loss of traditional references, thus contributing with the emergence of a human being guided almost exclusively by the dominant values of the present time, which have the capital as their distinctive element. If, on the one hand, this is the dominant dynamics, on the other hand, the deterritorialization from the collective subjectivity has the potential to make emerge new configurations of human things, apart from established values anchored in the possession of money. Thus, the urban environment offers the possibility of insertion in the subjectivity modes linked to the social order and the construction of a singularized existence that deviates from the current standards and carries irreversible mutations that are spread through society.

Keywords: Psychology. Interpersonal relationships. Work.

Introdução

Um olhar voltado para o cotidiano dos grandes centros urbanos, das metrópoles nas quais transcorre anonimamente a vida de bilhões de seres humanos, é uma operação arriscada que, caso pretenda qualquer tipo de compreensão totalizante, está fadada ao fracasso. O olhar possível sobre a vida das cidades é um olhar parcial, que se contente com fragmentos e pedaços. Isto porque as cidades hoje trazem dentro de si uma complexidade crescente, a mesma que atravessa todas as sociedades contemporâneas no limiar do século XXI.

As cidades modernas, organizadas sob um modo de produção capitalista avançado, constituem-se num desafio permanentemente colocado à sua compreensão a todos aqueles que buscam, de alguma forma, apreender a condição humana. Neste movimento aproximam-se, por exemplo, a psicologia, a sociologia, a economia, a antropologia, a geografia, a história, a arquitetura, bem como uma série de outras disciplinas. É necessário dizer que não se trata de uma aproximação fácil sendo operada dentro do campo dos saberes. O desenvolvimento tecnicista a que estamos todos submetidos operou e opera, permanentemente, uma compartimentalização do olhar, onde cada um remete-se ao seu próprio domínio do conhecimento, reservando aos demais saberes um distanciamento. E, no entanto, a aproximação das diferentes perspectivas acontece. Mas o que a move? O que leva, por exemplo, estudantes de arquitetura a voltar-se para outras áreas, tal como a psicologia social, na sua tentativa de lançar um olhar crítico sobre as cidades?

A complexidade do urbano

Um primeiro motivo a justificar este movimento já foi considerado. Trata-se da complexidade desafiadora do urbano. Outro pode ser acrescentado. A partir de diferentes perspectivas, chega-se hoje à constatação de que a possibilidade de uma compreensão lançada sobre a vida nas cidades torna-se estratégica, pois diz do próprio futuro do homem. Em outras palavras, o destino das sociedades modernas encontra-se irremediavelmente ligado ao que acontece nos grandes centros urbanos. É isso que Felix Guattari (1992), filósofo francês contemporâneo, constata em sua obra intitulada *Caosmose*:

O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infra-estrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendramos, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sobre todos os aspectos que se queira considerá-las. Daí a imensa importância de uma colaboração, de uma *transdisciplinaridade*, entre os urbanistas, os arquitetos e todas as outras disciplinas das ciências sociais (p. 172).

Talvez seja esse o foco apropriado para o início de nossa reflexão. É a própria vida humana, na sua singularidade histórica, que está a engendrar-se, a se autoproduzir nas grandes metrópoles. O autor considera que aqueles que hoje vivem fora do meio urbano encontram-se também transformados por ele, de modo que a vida humana, no seu contexto mais amplo, está comprometida com o desenvolvimento das cidades. Vejamos:

A cidade produz o destino da humanidade: suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios. Constatase muito freqüentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção da subjetividade (Guattari, 1992, p. 173).

Eis então porque conhecer a grande cidade e o que nela acontece com seus habitantes se torna estratégico: as cidades produzem a subjetividade, ou seja, ela engendra num movimento contínuo os modos de existência de seus habitantes, cada um deles produtor e produto dos modos de sentir, de pensar, de se relacionar com o mundo a sua volta, modos estes compartilhados.

Uma nova realidade aqui emerge e ganha forma: o humano psicologicamente transformado, quem sabe mesmo transtornado pela vida urbana, de qualquer forma produtor dela e produzido por ela, denuncia transformações irreversíveis na vida de todos nós. Este ser humano (ou seria ser urbano?) é o mesmo que transita pelos quatro cantos do planeta a multiplicar a mutação urbana subjetiva.

Podemos agora dar início a uma exploração desse ser mutante. Como ele é descrito? Que imagens poderiam se construir sobre ele? Daqui para frente nos deteremos nas descrições sobre a subjetividade nas cidades. Felix Guattari

(1992) nos apresenta uma primeira imagem deste humano-urbano:

Os jovens que perambulam nos *boulevards*, com *walkman* colado no ouvido estão ... longe, muito longe de suas terras natais. Aliás, o que poderia significar 'suas terras natais'? Certamente não o lugar onde repousam seus ancestrais, onde eles nasceram e terão de morrer! Não têm mais ancestrais; surgiram sem saber por que e desaparecerão do mesmo modo! (p. 169).

Temos aqui alguns elementos para uma análise. Primeiramente, Guattari nos fala de um desenraizamento radical que atinge o urbano, a perda de um conjunto de referências tradicionais, tais como o grupo étnico de origem, a referência à linhagem familiar e aos grupos sociais já frequentados. Em outros pontos de sua obra, Guattari denomina este processo como desterritorialização, um conceito que tem diferentes implicações. Aqui a desterritorialização aponta para uma espécie de dissolução da memória afetiva que atinge o morador das cidades fazendo dele um ser sem passado. Seria possível reverter tal processo? Guattari (1992) considera que não, tal como no texto que se segue:

Poderiam os homens reestabelecerem relações com suas terras natais? Evidentemente isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmos e com a vida, é se "recompor" em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. (p. 169-170).

Sabemos do que Guattari nos fala. O estudante universitário que, depois de morar por alguns anos no centro urbano, retorna eventualmente à sua cidade de origem, sente que alguma coisa aconteceu. Está tudo lá, sua casa, seus amigos, a família, mas está tudo muito diferente, tudo muito estranho. Eis aqui alguns aspectos da desterritorialização operada sobre o passado. Não se trata de um simples esquecimento, uma vez que ainda nos lembramos de tudo e somos reconhecidos dentro daquele contexto. A mudança radical se deu no sentido atribuído às experiências passadas. Perceber que o vínculo com o conjunto do passado se transformou nos perturba e faz sofrer. Depois de algum tempo nos debatendo com esse estranhamento que está colado ao nosso

próprio olhar, passamos a concordar com Guattari. Daqui para frente será necessário reinventar a vida noutros lugares. Talvez seja necessário mesmo reconhecer que a reinvenção já começou, ou então não estranharíamos o que até então nos era familiar. O novo lugar é a cidade, e nela o passado está perdido para sempre. O que dele permanece só serve para nos recordar disso, fazendo sofrer.

Mutações contemporâneas nas cidades

Estamos enfim na legítima condição de seres urbanos. Pode acontecer inclusive que venhamos a nos sentir "felizes" com a perda de sentido do passado. A vida na cidade nos atrai e acena com seu frenesi cotidiano. Nada de recordações melancólicas, apenas o cumprimento das obrigações e o lazer se alternando com o passar do tempo. Os dias passam rapidamente nas metrópoles e também os meses e os anos. Neste movimento infinito, o que vem ocupar o lugar deixado vago pela desterritorialização das tradições em nossa vida cotidiana? O que, neste processo, ganha valor e passa a organizar o percurso de nossa existência, individual e coletiva, no lugar das referências tradicionais?

Já dissemos que a crescente importância da metrópole moderna relaciona-se com o estágio de desenvolvimento do capitalismo atingido nos dias de hoje. Sua existência está ligada aos movimentos migratórios que a ela afluem. Mas afluem em busca de que? Seu traço mais visível, distintivo da condição metropolitana, é o multiculturalismo. De fato, as culturas que se misturam nas grandes cidades do mundo encontram-se também desterritorializadas, distantes de suas respectivas tradições. Mas de qualquer forma estão ali. A cidade é então uma Babel. Muitas línguas, cores e raças diferentes, uma composição bastante complexa. O que, no entanto, unifica este conjunto? O que mantém uma infinidade de seres diferenciados coexistindo no espaço comum do urbano?

É possível considerar que o que unifica os moradores da metrópole moderna, o que a mantém na sua configuração atual, é a mesma coisa que provê de sentido e de valor cada um de seus habitantes em sua trajetória individual. Todos eles são, em maior ou menor medida, desterritorializados de seu passado, e os valores dele decorrentes perderam-se irremediavelmente. Todos

reagem de um só modo, afirmando um único e mesmo valor, que agora orienta integralmente suas vidas e provê de sentido o passar dos dias. Qual é esse novo valor? É o capital. Eis o que caracteriza o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo. Desde a sua emergência na história, a formação capitalista incide sobre os modos de subjetivação. Este movimento agora se aprofunda e se amplia. O capital tomou de assalto nossos corações e mentes.

É o capital que ocupa a subjetividade do ser urbano desterritorializado, tornando-se ao mesmo tempo objeto de extremo valor e a medida da valorização, da atribuição de valor a tudo o que é vivido, sentido ou experimentado no cotidiano das cidades. Uma única medida de valor que funciona como um equivalente geral, aquilo pelo qual tudo e todas as coisas podem ser trocados. Felix Guattari (1997) descreve este processo no seu livro denominado “As três ecologias”: “O que condena o sistema de valorização capitalístico é o seu caráter de equivalente geral, que aplaina todos os outros modos de valorização, os quais ficam assim alienados à sua hegemonia” (p. 51).

Ora, tudo isso é muito bem conhecido por nós. Neste contexto do capitalismo acelerado das grandes metrópoles, os sistemas de valor que não se orientam pelo econômico estão a ele subordinados quando não deixam simplesmente de existir. Amizade, amor, afeto ou desejo encontram um espaço de realização também quando se compõem com o ganho de capital. No mínimo, espera-se que essas dimensões da existência não nos tragam perdas econômicas.

Se a posse do capital se imprime com tamanha força na subjetividade das massas urbanas, então os modos de se sentir, de se pensar, de se relacionar com a realidade à volta só poderão variar de acordo com o volume de capital que se possui. E é exatamente isso que Felix Guattari (1997) descreve no fragmento que se segue:

Do lado das elites, são colocados suficientemente à disposição bens materiais, meios de cultura, uma prática mínima da leitura e da escrita e um sentimento de competência e de legitimidade decisórias. Do lado das classes sujeitadas, encontramos, bastante frequentemente, um abandono à ordem das coisas, uma perda de esperança de dar um sentido à vida (p. 47).

É assim que vivemos todos nós nas cidades. Ou somos portadores de um sentimento de competência autoatribuída do tipo: “eu sou bom, afinal de contas eu sou um vitorioso na briga pelo dinheiro”, ou então se abate sobre nós o sentimento característico das classes mais baixas, o mais completo desamparo, o total abandono da vida em função da falta de dinheiro, vivida, no entanto, como falta de perspectivas.

Seguramente, não se trata de esgotar a análise da complexidade do espaço urbano através do esboço de algumas tendências dominantes. Se por um lado estas tendências se afirmam, por outro muitos tentam escapar a essa lógica perversa. A cidade, ao mesmo tempo em que é ocupada pela subjetividade capitalista, assiste a movimentos de fuga daqueles que pretendem escapar à ordem dominante.

Enquanto os desviantes da cotidianidade urbana capitalista debatem-se e angustiam-se na busca de novos modos de vida, a grande maioria prossegue medindo a vida pelo seu valor em capital. O capital por si só não provê a satisfação das necessidades. Ele precisa ser trocado, e o será por uma infinidade de objetos de consumo. Nesta operação de troca do dinheiro pelo bem ou serviço prestado, a subjetividade capitalista se perpetua. Ocorre agora que também as necessidades que até pouco tempo atrás eram satisfeitas por meio do relacionamento interpessoal tornaram-se demandas de mercado. Um exemplo: é cada vez mais comum que as pessoas paguem para sentirem-se acompanhadas, sendo que o mercado da prostituição se sofisticou ao mesmo tempo em que se multiplicam os serviços de acompanhantes de todos os tipos.

A busca permanente pela satisfação do conjunto de necessidades criadas pela própria vida nas cidades é um elemento descritivo da subjetividade engendrada no meio urbano capitalista. A inclusão de necessidades nessa dinâmica é um indicador do caráter totalizante deste modo de subjetivação, sua pretensão de englobar a vida referindo-a a um único contexto. Tal como observa Carvalho (1998):

O quadro complexo que se apresenta para nós como sendo a própria existência é então homogeneizado e dirigido segundo os ditames quantitativos da ordem social que hoje preconiza o acúmulo de bens e do próprio capital. É assim que nossa vida é tornada homogênea, sempre igual a si mesma, porque sempre remetida a um mesmo

referencial. É desse modo que a existência, no contexto da sociedade capitalista, se torna monótona e entediante a despeito da infinidade de recursos tecnológicos disponíveis neste mesmo contexto, para qualquer tipo de atividade (p. 226).

O autor situa como necessário para a sustentação da subjetividade capitalista a aceitação passiva da vida tal como ela é sob a hegemonia do capital. Mas, tal como Felix Guattari, reconhece que o sistema como um todo acaba por provocar também um mal estar difuso, que vem acompanhado do desejo por novos modos de vida, por uma existência construída sobre outras bases.

Assim, a demanda por modos alternativos de existência dissemina-se também entre aqueles que pretendiam apenas a eterna satisfação consumista. A partir daí, o desejo pela invenção de outros modos de subjetivação é um componente inseparável da paisagem urbana. Esta paisagem, composta em grande parte de seres humanos subjugados pela ordem capitalista, assiste agora a irrupção daqueles que já não suportam uma vida referida ao capital. As formas do mal estar se multiplicam e a busca pelas saídas se intensifica. Drogas, quem sabe, ou o sexo comprado nas esquinas, mas tudo isto também está dentro do mercado. Para estes desviantes também não existe mais volta. Uma nova mutação se produziu. Outra desterritorialização está em curso. Eles bem que tentam se conformar, consumindo a parte que lhes cabe e se esforçando para acreditar que assim está tudo bem. Mas agora é a própria cidade e, com ela, a ordem mundial capitalista que se tornam estranhos, muito estranhos.

Outra desterritorialização, outra perda radical de referências, tal como aquela primeira que um dia os arrancou definitivamente de suas terras natais, sobrevém. Para onde ir agora? Para o espaço? Para outra cidade, talvez? Não há mais para onde ir. A lógica do capital envolve o planeta completamente e trama o seu futuro. De modo que agora só resta a estes seres urbanos ficarem onde estão e multiplicarem seu estranhamento radical diante de tudo o que vêem e ouvem, numa vaga esperança de que algum dia muitos habitantes da cidade venham se juntar a eles num estranhamento geral, que talvez resulte na reinvenção da vida coletiva e individual.

Uma mutação, eis o que se espera, de modo que, ao se constituir, revele sua diferença radical com os modos de subjetivação dominantes que saturam

a existência contemporânea. Seria ela possível? Mesmo diante de um mundo ocupado pela lógica do capital, a existência poderia ser reinventada? Félix Guattari considera a possibilidade de uma reapropriação singularizada, seletiva e diferencial dos componentes de subjetivação que a sociedade contemporânea difunde em escala planetária. Para além da subjetivação capitalística, que homogeneiza ao mesmo tempo em que oferece uma infinidade de modos de pensar e de sentir, é possível entrever aquilo que o autor denominou de processos de singularização, um modo de existência e de resistência possível no cotidiano das grandes cidades. Com a “matéria prima” dos modos de subjetivação hoje difundidos, é possível então promover a reinvenção da vida através da diferenciação ativa, da apropriação dos valores, dos afetos, das emoções de modo único. “É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização e que resista a todos os empreendimentos de nivelção da subjetividade” (Guattari & Rolnik, 1986, p. 50).

Os processos de singularização

Passemos então a uma caracterização dos processos de singularização. É possível considerar que o estranhamento perante os modos de vida hoje vigentes, tal como assinalado, é um indicador de uma recusa à sujeição, de uma resistência ativa que se insinua entre os habitantes da metrópole. Trata-se de um sentimento vago, difuso, um tipo de mal estar que vem associado à demanda por mais afetividade, mais intensidade, nas relações cotidianas. Eis aí o que Guattari e Rolnik (1986) situam como elemento diferencial dos processos de singularização:

O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística. Isso se sente por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade de simplesmente viver ou sobreviver, pela multiplicidade dessas vontades. É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade. (p. 47)

Se o elemento diferencial é o desejo, se a marca da singularização são as intensidades, então já é possível identificar os processos de singularização. Todos nós percebemos as variações de intensidade permeando nosso cotidiano, ajudando a compor nossas trajetórias de vida. Muitas vezes é em função da intensidade que orientamos nossas escolhas em diferentes campos. Porém, os processos de singularização extrapolam o registro da intensidade e intervêm em diferentes domínios da vida dos sujeitos. Em cada contexto, trata-se de produzir uma diferenciação singular. As intensidades inscrevem-se de modo incisivo nos processos de avaliação, de atribuição de valor a cada uma das experiências que vivemos. Incide, portanto, também sobre o sistema valorativo que tem como norteador a posse do dinheiro, transformando-o.

O que estou chamando de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam de todos os lados. (Guattari & Rolnik, 1986, p. 47)

A composição dos valores que afirmamos orientar nossa existência pode então ser transformada. Os processos de singularização encarnam essa mudança, colocando a intensidade e os desejos como critério para invenção de novos modos de vida. Os processos de singularização podem então ser descritos naquilo que os constituem, a saber, a sua capacidade de criação de um modo de vida possível e desejante, onde a autonomia incorpora uma dimensão ativa, ganhando o sentido de autoprodução incessantemente realizada. Como vimos, a mutação inicia-se dentro da própria ordem social capitalista e dos componentes de subjetivação por ela difundidos em escala planetária, mas cujo resultado final, esses seres urbanos, é estranho a ela ao mesmo tempo que a estranha. O que se evidencia num tal processo é o descolamento do conjunto de referências dominantes constituído sob a égide do capital e o deslocamento em direção à constituição de uma existência individual e coletiva irreconciliável com o *status quo*.

O que vai caracterizar o processo de singularização (que, durante certa época, eu chamei de

'experiência de um grupo sujeito'), é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global (Guattari & Rolnik, 1986, p. 46).

A afirmação gradativa dos processos de singularização no cotidiano das metrópoles tem implicações em todos os campos da vida em sociedade, mesmo nas mais longínquas paragens rurais. Como já vimos, as grandes metrópoles traçam hoje o destino do planeta, e os efeitos da singularização se fazem sentir nas mutações da sensibilidade que se observam nas grandes cidades ao redor do mundo. Tais mutações são, no entendimento de Félix Guattari, indissociavelmente grupais e individuais. E eis então que esses grupos, já portadores de uma diferença irreduzível, se põem a dar visibilidade à sua mutação. Toda metrópole acusa então a sua presença, muitas vezes caracterizando-os como bizarros, ou então, pelo contrário, dizendo que tais seres são "normais". Quando assim o fazem, os habitantes da metrópole esperam que de fato estes seres estranhos sejam neutralizados, reconduzidos à subjetividade capitalista vigente.

Este é o caso de um grupo bem organizado e com propósitos bem definidos que ganhou visibilidade em várias grandes metrópoles ao redor do mundo. Eles autodenominam-se PETA (Pessoas pelo Tratamento Ético aos Animais, na sigla em inglês) e exibem ao mundo sua mutação singularizante. Os membros deste grupo não aceitam que animais sejam utilizados como cobaias e sacrificados aos milhares para que a indústria farmacêutica, um dos segmentos estratégicos do capitalismo contemporâneo, produza novas drogas. Suas ações incluem a invasão de laboratórios e biotérios, sejam eles das grandes corporações ou de universidades, e o resgate das cobaias vivas, com a consequente destruição dos experimentos. Em termos mais gerais, toda uma série de procedimentos regularmente utilizados pela indústria, pela agropecuária e outros segmentos é objeto da condenação pelos membros do grupo por gerar sofrimento aos animais. A diferença radical incorporada pelos PETAs simplesmente não pode ser absorvida ou neutralizada pela ordem social vigente. Uma mutação valorativa nas concepções do que é ética e do que é vida aconteceu, uma redefinição das prerrogativas, de forma que a

defesa incondicional da vida, até então extensiva apenas aos humanos, passa a valer também para os animais. Os PETAs formularam seu próprio campo ético de maneira autônoma em relação à moral vigente e têm ciência das implicações de uma ruptura dessa ordem. Sem qualquer expectativa de serem ouvidos, de serem considerados em sua diferença radical, eles passam para a ação direta.

Na invasão dos laboratórios, confrontam-se com um princípio verdadeiramente sagrado nas sociedades capitalistas: o do respeito à propriedade privada. Como seus alvos são estabelecimentos voltados para a produção científica, ou seja, a verdadeira base de toda a produção industrial e do sistema socioeconômico, não há possibilidades de que sejam aceitos. Os habitantes da metrópole defrontam-se então com uma diferença que, neste momento histórico, não pode ser incorporada. Mas os PETAs não recuam em suas ações, promovem suas ideias através de diferentes intervenções. Eles têm claro que seus corpos estão à mercê da repressão policial e do aprisionamento. Mas nem por isso recuam na defesa de um princípio ético singular: a sua mutação.

Considerações finais

As mutações de subjetividade, como no caso dos PETAs, são resultantes dos processos de singularização e não cessam de se produzir nestes centros de difusão da contemporaneidade capitalista, as grandes metrópoles. Suas efetuações se dão em diferentes domínios e contaminam a todo o momento o tecido social.

Félix Guattari pensava os processos de singularização de maneira co-extensiva às grandes mudanças que eventualmente acontecem nas sociedades. Em termos gerais, aquilo que num certo momento histórico se manifesta em escala mínima, pode vir a se tornar, já em outro momento, um modo de vida, um modo de pensar, sentir e agir de toda uma população.

É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver, que a articule com outros processos de singularização e que resista a todos os empreendimentos de nivelção da subjetividade [...] Em qualquer escala que essas lutas se

expressem ou se agenciem, elas tem um alcance político, pois tendem a questionar esse sistema de produção da subjetividade (Guattari & Rolnik, 1986, p. 50).

Afirmar os processos de singularização, no entanto, tem implicações de ordem política uma vez que os modos de vida emergentes, tal como no caso dos PETAs, chocam-se com as avaliações construídas no sistema valorativo da moral dominante. Cabe aqui um posicionamento incisivo que confronte essas avaliações de modo a favorecer a emergência do novo em sua constituição singular. Tal como observa Gilles Deleuze (1997):

O juízo impede a chegada de qualquer novo modo de existência. Pois este se cria por suas próprias forças, isto é, pelas forças que sabem captar, na medida em que fazem existir a nova combinação. Talvez esteja aí o segredo: fazer existir, não julgar (p. 153).

Eis, então, que a complexidade do urbano mostra seu caráter paradoxal. Mesmo sendo a cidade o espaço das perdas radicais de referência bem como das desterritorializações, ela ainda incorpora uma moral que julga o novo por critérios pré-existentes, o que pode implicar na desqualificação dos modos de vida que buscam se afirmar exibindo uma configuração singularizada.

Referências

- Carvalho, P. R. (1998). *O Tédio nosso de cada dia: uma análise parcial dos processos de subjetivação na contemporaneidade*. Tese de doutorado, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Guattari, F. (1997). *As três ecologias*. Campinas: Editora Papirus.
- Guattari, F.; & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.